



VI *Semana da* **FACED** 2024



A PEDAGOGIA DA DIZIBILIDADE

Rita Pimenta

Universidade Federal de Juiz de Fora

Palavras-chave: Democracia; Educação; Pedagogia da Dizibilidade; Retórica.



VI Semana da FACED 2024



Introdução

O objetivo deste texto é fundamentar a *Pedagogia da Dizibilidade*. Proponho, com esta pedagogia, que os sujeitos do processo educacional se conduzam de modo democrática e retórico, não dissociando o dizer do fazer na relação ensino-aprendizagem.

Dizer, expor por palavras, é a base de uma tradição filosófica muito antiga, a retórica. Defendo que a potencialidade formativa da retórica é pôr em exercício os valores filosófico, pedagógico e moral do dizível. Quando Protágoras cria a metáfora *homem-medida*, o retórico de Abdera nos lega um modo, uma conduta de como estar no mundo, que acontece quando elaboramos afirmações ou negações a respeito da realidade, logo, “O homem é a medida de todas as coisas”, porque diz sobre a realidade. A retórica, como arte do discurso persuasivo, sempre dependeu de ambientes democráticos para sobreviver, por esta razão o que sustenta uma sociedade democrática é a possibilidade de dizer sem dissimulação, sem suspeita.

Mergulhada em minhas investigações, no campo da retórica, passei anos me questionando: Como devo dizer o que quero dizer às/aos estudantes, de modo que a aprendizagem aconteça? Esta questão me levou a desenvolver o que estou nomeando de *Pedagogia da Dizibilidade*, cuja resposta é a seguinte: esforce-se por dizer diligentemente aos (às) estudantes sua experiência pessoal a respeito do que ensina, principalmente em se tratando de algo complicado. Fazendo isto, notaremos mudar nossa própria atitude para com a referida experiência (Cf. DEWEY, 1959).

Proponho com a *Pedagogia da Dizibilidade* uma conduta, na qual o (a) professor (a) deve dar irrestrita atenção ao modo como diz aos (às) estudantes o que sabe, pensa, declara, em público, um saber e argumenta sobre este saber. Acompanho Dewey (1959, p. 4) quando ele diz que “Há mais do que um nexos verbal entre os termos comum, comunidade e comunicação.”, porque a vida social se identifica com a comunicação, e toda comunicação é educativa. Portanto, dizer nos permite adquirir experiência ampla e variada, participar do que o outro pensou ou sentiu. O resultado é que atitudes são modificadas. “E deste efeito não fica imune aquele que comunica” (DEWEY, 1959, pp.5-6), pois há uma íntima relação entre



VI Semana da FACED 2024



educação e comunicação.

Apoio a *Pedagogia da Dizibilidade* em um ideal democrático de sociedade, no qual o modo como dizemos atua para alargar nossa percepção a respeito da necessidade de diminuição das distâncias entre os indivíduos, possibilitando experiências compartilhadas de um tipo de sociedade, a democrática, que, no ambiente social escolar, poderá ser conduzida como “uma sociedade em miniatura” (DEWEY, 1959, p. 394).

Os fundamentos retóricos da *Pedagogia da Dizibilidade*

A *Pedagogia da Dizibilidade* encontra seus fundamentos, como já antecipei, na democracia, como um modo de vida (Cf. DEWEY, 1959), e na retórica. A retórica é uma prática social, uma ciência, uma técnica, que depende de ambientes democráticos, isto por que ela é movida por um critério: o livre debate. Assemelha-se à dialética aristotélica, ao jogo dialético, ao jogo intelectual, inventado por aquele que diz, inventa (a *invencio* retórica, a *héuresis*) os discursos, o orador: o *rhéseis*, a arte de inventar temas e conceitos e de inventar discurso. Portanto, assim como na democracia, na retórica não há lugar para a suspeição, pois ela se funda “no diálogo e não na desconfiança” (REBOUL, 1998, p. 90).

No ensino, devemos aos retores uma inovação: um “ensino intelectual aprofundado, sem finalidade religiosa ou profissional, sem outro objetivo senão a cultura geral” (REBOUL, 1998, p. 6), logo, a retórica se revela como um instrumento democrático, pois ao se constituir também como uma técnica de construção e análise de discurso, ela pode ser ensinada e aprendida.

Uma possível consequência de seu ensino é a ruptura das assimetrias, especialmente porque permite que ao elaborar discursos, estejamos todas e todos qualificados a construir modos de dizer, de compreender o que está sendo dito, de contradizer, rompendo com uma compreensão de educação transcendental, das *formas*, idealista, limitada ao nascimento, a um lugar social, econômico, político, portanto, a uma educação platônica.



VI Semana da FACED 2024



Quando preparamos uma aula, precisamos compreender o assunto para reunir todos os argumentos que possam ser úteis; colocá-los em ordem; redigir o discurso; e, por fim, proferir. Estas atitudes são próprias do campo da retórica e, como é possível perceber, nós, professoras e professores, quase sempre, sem saber, fazemos retórica, pois nos preocupamos com a compreensão do modo como se compõe um discurso, seguindo um plano, encadeando argumentos de modo coerente e eficaz, cuidando do estilo, encontrando construções adequadas, as figuras mais persuasivas, expondo tudo isto de modo vivaz. Estas atitudes compõem as características da função pedagógica da retórica.

Apoiada na retórica, defendo que, assim como neste campo, em educação também lidamos com os três grandes elementos do sistema retórico: o *ethos*, isto é, o caráter do (a) orador(a)/professor(a), o *pathos*, que diz respeito às paixões, sentimentos e convicções que dirigem o (s) auditório/os/estudantes, em uma sala de aula, e, finalmente, o *lógos*/conteúdo a ser ensinado.

Os princípios relacionados acima são argumentativos e pedagógicos, logo precisam ser respeitados se o nosso compromisso é nos fazer compreender quando dizemos algo. Com a *Pedagogia da Dizibilidade* proponho que nos preocupemos em aprender a arte de *saber dizer bem*, que significa nos preocuparmos com a maneira, a conduta (*ethos*) como dizemos, sem dissimular os meios persuasivos a favor de uma causa: ensinar, porque existe uma urgência no ensinar e quanto mais urgente for a questão, mais o orador (a) precisa recorrer ao *pathos* (às emoções) de seu auditório, ou seja, ele/ela deve dizer a favor da ampliação ou diminuição das emoções presentes ou ausentes, desejáveis ou indesejáveis, permitindo que ela (e) ensine o que deve ser ensinado, de modo que todas e todos participem da relação ensino-aprendizagem.

Na urgência do ensino, nem sempre há um amplo e consciente acordo entre todos os sujeitos da relação ensino-aprendizagem e menos ainda temos diante de nós um auditório (estudantes) totalmente voltado e disponível ao tratamento lógico-dedutivo de um conteúdo. Logo, há a necessidade de recorrermos ao elemento oratório que, em retórica, significa recorrer às emoções, crenças, preferências e valores do auditório, por exemplo, descontraindo o auditório, talvez fazendo-o sorrir



VI Semana da FACED 2024



um pouco, se for o caso, ou comovendo-o, mas, de um modo geral, construindo vínculos discursivos e afetivos.

Ainda sobre a argumentação (lógos/conteúdo a ser ensinado), vale dizer que ela se dirige a um auditório que será sempre particular (estudantes), mesmo que o (a) orador (a), professor (a) tenha em mente um auditório universal, que é um ideal regulatório argumentativo. Além disso, é preciso ter atenção para o fato de que a argumentação se desenvolve a partir de uma língua, por exemplo, o português, o que significa que os termos são, em grande medida, polissêmicos, ambíguos, portanto, quanto mais houver esforços para tornar familiar uma discussão, mais nítido será o seu alcance para o auditório. A progressão da argumentação não é linear, dependerá da reação do auditório. As conclusões são sempre controversas, pois o auditório pode contestar a argumentação e rejeitar as conclusões, porque, “a argumentação é dirigida ao homem total, ao ser que pensa, mas que também age e sente” (REBOUL, 1998, p. 99). Sendo dirigida a este ser inteiro, devemos cuidar para não sonegar informação. Não devemos elaborar conclusões que vão além dos argumentos que apresentamos. O que dizemos deve ser o máximo possível transparente, permitindo a reciprocidade. Estas condições são as mesmas que se apresentam no debate democrático: transparência e simetria entre os interlocutores, sem subterfúgios.

Nas Ciências Humanas, de um modo geral, não lidamos com certezas, pois as premissas que estruturam as argumentações dessas ciências são sempre verossímeis, por isso, o mais indicado seja requerermos menos certezas, aceitando os dissensos e encorajando alguns consensos. Portanto, esses fundamentos da *Pedagogia da Dizibilidade* são insubstituíveis, quando nos questionamos a respeito dos modos como podemos pavimentar trilhas democráticas na educação.

Ao considerar a dizibilidade, em um plano pedagógico, entendo que, como professores (as), não somos porta-vozes de certezas, mesmo que os conteúdos que devemos ensinar tenham sua origem nas ciências “duras”. Em diversos momentos do ensino, por exemplo, destas ciências, por mais evidentes e inquestionáveis que possam ser seus conteúdos, dizer sobre eles exige que criemos/inventemos



VI Semana da FACED 2024



estratégias que envolvam a atenção dos (as) estudantes, para que algum convencimento a respeito da evidência destes conteúdos ou considerações razoáveis acerca deles possam ser desenvolvidas.

Tenho defendido que nossa função, como professoras e professores, desejosas (os) por enfrentar as dificuldades ou obstáculos próprios das distâncias sociais, políticas, religiosas, etc., que nos separam de nossos (as) estudantes, até a chegada a um determinado conhecimento que, por vezes, é considerado já dado e acabado, talvez seja provocarmos a dizibilidade, tal como já a defini neste texto, o que significa valorizar os dissensos e levar as (os) estudantes a perceberem que as verdades resultam de consensos negociados, que podem ser questionadas, não de modo ingênuo, despido de uma rigorosa e exaustiva investigação, mas de modo inteligente, porque os questionamentos resultarão de testes inteligentes a respeito das consequências dessas verdades, quando postas em ação, isto é, testadas, ditas, argumentadas e experimentadas na vida concreta.

Dito isto, entendo ser urgente o exercício da dizibilidade, pensada como um elemento pedagógico, formativo. Encorajo pensarmos na responsabilidade que temos no modo como dizemos o que dizemos, considerando como critério que ajusta permanentemente nosso ethos e nossa práxis, o critério da diminuição das distâncias entre os seres.

Retomo meus pontos de partida para a proposição da *Pedagogia da Dizibilidade*: o primeiro é a democracia, o segundo, diz respeito à função pedagógica da retórica e o terceiro é uma definição de retórica, que a considera como a arte de diminuir a distância entre os indivíduos a respeito de uma dada questão (MEYER, 2000). Esta definição, transferida para o campo educacional, significa que quando dizemos, como professoras e professores, precisamos nos comprometer com uma dizibilidade (*rhétón*), isto é, não devemos dissimular aquilo que sabemos ou não sabemos, logo, responsabilizamo-nos com o que dizemos, por isso a dizibilidade é uma conduta para desenvolver esforços didáticos e pedagógicos, os quais considero retóricos, para que as (os) estudantes nos compreendam e também possam dizer, rompendo, portanto, com o caráter assimétrico da relação ensino-aprendizagem. Não seria esta uma das tarefas mais importantes do trabalho pedagógico



VI Semana da FACED 2024



democrático?

Considerações finais

A *Pedagogia da Dizibilidade* rejeita a ideia de manipulação pelo discurso. De um ponto de vista epistemológico, defendo que as verdades resultam de acordos, negociações, logo, o que temos são verdades provisórias. São estas as verdades que nós, seres humanos, temos condições de dizer, visto que somos a medida de todas as coisas, quando elaboramos afirmações ou negações sobre a realidade.

Ao contrário do que poderia ser considerada uma fragilidade epistêmica, porque rejeita os cânones acerca da noção de verdade estabelecidos pelas filosofias racionalistas, a *Pedagogia da Dizibilidade* se apoia no esforço de fazer com que o que dizemos se torne compreensível. A principal preocupação reside no cuidado como dizemos e nos conduzimos a respeito das realidades tecidas pelo discurso, o que nos leva a dizer com as demais pessoas sobre soluções e impasses, apelando para a argumentação e não apenas para a demonstração cartesiana. Insisto, é o esforço de dizer, com cuidado irrestrito, sobre nossa experiência pessoal, a respeito do que queremos ensinar.

Na formação de professoras e professores, tenho ensinado as ferramentas da dizibilidade retórica, fornecendo mais uma possibilidade de inserir futuros (as) professores (as) em um terreno de contínuo ajuste argumentativo de seus pensamentos e ações e, também, sensibilizando-os (as) à democracia, condição esta que permite que o dizer democrático, como prática pedagógica, sobreviva.

Compreender o quanto as paixões influenciam os discursos, conhecer e saber utilizar as técnicas que tornam o discurso persuasivo, como, por exemplo, o uso das metáforas e das analogias, os argumentos de autoridade, de quantidade, de qualidade, etc, colocam professores (as) e estudantes em atitude crítica, rejeitando a adesão a uma tradição assimétrica de ensino, exigindo daqueles (as) que participam desse processo o conhecimento das ferramentas que tornam os discursos persuasivos e a dizibilidade uma experiência formativa, não como exclusivamente um exercício para a formação de um sujeito eloquente, um (a) orador (a), mas como



VI Semana da FACED 2024



um ser que, consciente do poder formativo que o dizer tem, possa explorar esse poder guiado por um propósito democrático.

Considerando o exposto acima, poderíamos falar de diálogo no ensino? Certamente que sim. Por esta razão o ensino não deve prescindir da *Pedagogia da Dizibilidade*, porque “toda pedagogia é retórica” (REBOUL, 1998, p. 104). Como professores (as) somos oradores (as), portanto, devemos “atrair e prender a atenção, ilustrar os conceitos” (REBOUL, 1998, p. 105), dar presença na consciência, reforçando a adesão dos conceitos. E mais, devemos “facilitar a lembrança, motivar ao esforço. (...) aquilo que conhecemos como “ ‘transposição didática’ faz parte da retórica” (REBOUL, 1998, p.105).

O (a) orador (a) (professor(a)) deve conhecer aqueles (as) que serão ensinados (as) (seu auditório), para obter sua adesão. Reconhecendo o caráter assimétrico no ensino, devemos trabalhar por sua abolição (Cf. REBOUL, 1998). O incentivo à dizibilidade contínua de estudantes com estudantes, estudantes com professores, estudantes com teóricos (as) cria e revela a dimensão mais fecunda para uma moral e um fazer científicos, que rejeitam autoritarismos, submissões, opressões. Estas condutas são possíveis quando aprendemos a *saber dizer bem* com a *Pedagogia da Dizibilidade*.

Referências bibliográficas

DEWEY, John. *Democracia e educação*: introdução à filosofia da educação. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. edição. São Paulo: Nacional, 1959.
MEYER, Michel. *A retórica*. Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.
REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.